

# COMO AS MUDANÇAS NO TRABALHO E NA RENDA DOS PAIS AFETAM AS ESCOLHAS ENTRE ESTUDO E TRABALHO DOS JOVENS?

Caterina Soto Vieira<sup>1</sup>  
Pedro Cabanas<sup>2</sup>  
Naercio Menezes-Filho<sup>3</sup>  
Bruno Kawaoka Komatsu<sup>4</sup>

Este artigo examina os determinantes das situações de estudos e oferta de trabalho dos jovens e de suas mudanças ao longo do tempo. Temos como foco os efeitos da renda e da situação de trabalho dos pais, examinando os efeitos diferenciados dessas variáveis, a depender se elas se referem ao pai ou à mãe. Nossos resultados indicam que o crescimento da renda da mãe teve importância maior, em comparação com a renda do pai, para explicar o aumento da proporção de jovens que se dedicam exclusivamente aos estudos e a redução daqueles que somente participam do mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** jovens; oferta de trabalho; educação; alocação intrafamiliar de renda

## HOW CHANGES IN THE LABOR STATUS AND INCOME OF PARENTS AFFECT THE YOUTH CHOICES BETWEEN STUDIES AND WORK?

This article examines the determinants of the situations of studies and labor supply of young people and their changes over time. We have focused on the effects of income and parents' employment status by examining the differential effects of these variables depending on whether they refer to the father or mother. Our results indicate that the mother's income growth was more important compared to the father's income, to explain the increase in the proportion of young people who are dedicated exclusively to studying the reduction of those who only participate in the labor market.

**Keywords:** youth; labor supply; education; intra household income allocation.

JEL: I21; J13; J22.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, transformações importantes ocorreram no mercado de trabalho brasileiro. Além da acentuada redução da taxa de desemprego, houve um forte aumento real dos rendimentos médios do trabalho e uma redução da taxa de participação geral desde 2005 (Insper, 2014). Essas tendências ocorreram de forma diferenciada entre grupos de idade. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), enquanto a participação de jovens (15 a 24 anos) na população economicamente ativa (PEA) reduziu, ao longo do período de 1992

---

1. CPP/Insper.

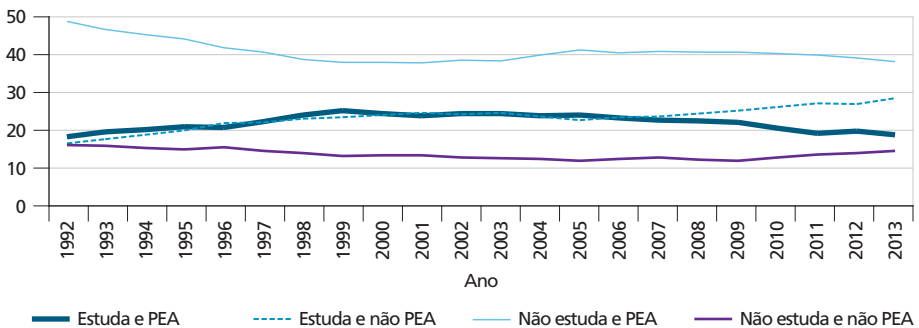
2. CPP/Insper.

3. CPP/Insper e FEA/USP.

4. CPP/Insper e FEA/USP.

a 2013, a oferta de trabalho de suas mães cresceu. Além disso, a taxa de desemprego dos jovens caiu e de seus pais e de mães aumentou – sendo que a das mães cresceu em média proporcionalmente mais que a dos pais. Esses processos podem ter influenciado as mudanças de alocação de jovens entre o mercado de trabalho e os estudos ocorridas no período. O gráfico 1, por exemplo, mostra que a proporção de jovens somente estudando aumentou significativamente, ao passo que a de jovens só trabalhando ou procurando trabalho diminuiu.

**GRÁFICO 1**  
**Proporção de jovens por estado de atividade**  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).

Elaboração dos autores.

Obs.: Nesses anos, a Pnad não foi realizada, de modo que utilizamos uma média dos anos imediatamente adjacentes.

O número de artigos que tratam sobre a alocação de jovens entre os estudos e o mercado de trabalho tem aumentado em anos recentes, e a literatura indica diversos fatores que podem influenciá-la, tais como a escolaridade do chefe de família, o número de crianças no domicílio e o tamanho da família (Camarano e Kanso, 2012). Menezes Filho, Cabanas e Komatsu (2014) estudaram como diversos fatores, como o crescimento da renda dos adultos, afetam a escolha ocupacional e de estudos dos jovens. No entanto, poucos estudos abordam a questão da barganha interna ao domicílio, que pode trazer efeitos diferenciados da situação de mercado de trabalho e da renda de pais e de mães sobre essa decisão domiciliar. Conforme mostra Rangel (2006), a distribuição de poder de barganha no interior da família tem papel importante, de modo que o aumento do poder de barganha da mãe favorece gastos com educação. Nesse sentido, o aumento proporcional maior da renda das mães pode ter tido efeitos maiores sobre o estudo dos filhos.

O presente artigo procura entender quais os efeitos da renda do pai, da renda da mãe, da situação de trabalho do pai e da situação de trabalho da mãe sobre o estado de atividade dos jovens. A nossa hipótese é a de que a decisão de alocação de tempo do jovem entre os estudos e o trabalho é tomada levando em

conta a alocação do tempo e da renda das outras pessoas do domicílio também. Por exemplo, se a renda familiar aumenta, haverá mais recursos disponíveis para o investimento na educação do jovem, além de não haver necessidade de que ele trabalhe para complementar renda.

Partimos da hipótese de que o pai e a mãe possuem poder de barganha e preferências diferenciadas, de modo que a distribuição de recursos familiares entre pai e mãe tem efeitos diferenciados sobre a decisão de trabalho e estudo dos jovens. Cerca de 40% dos desempregados brasileiros são jovens, portanto é importante estudar o que os faz escolher ofertar trabalho e diminuir o tempo destinado aos estudos, mesmo enfrentando uma alta taxa de desemprego.

Se comprovada a importância da renda da mãe como um fator para aumentar a probabilidade de o jovem estudar, políticas de igualdade de gênero, inserção da mulher no mercado de trabalho e busca por salários iguais, entre outras tantas políticas de empoderamento feminino, podem ser importantes para melhorar o nível de educação do país. A educação dos jovens é importante para o desenvolvimento brasileiro em todos os níveis e é indispensável buscar todas as formas para melhorá-la.

No entanto, é importante frisar que o presente estudo é de correlação e que não é possível, portanto, encontrar uma direção causal entre os fenômenos. Como não há uma variável exógena, existe a possibilidade de que o aumento do estudo dos filhos influencie a entrada da mãe no mercado de trabalho. Porém, levando em consideração a bibliografia sobre o tema, podemos inferir que a relação se dá majoritariamente na direção proposta anteriormente.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No Brasil, a participação dos jovens no mercado de trabalho brasileiro tem sido bastante estudada, principalmente levando em conta suas particularidades, tais como a elevada taxa de desemprego e a parcela significativa de jovens inativos e que não estudam (“nem-nem”). Há uma série de fatores que podem influenciar a decisão do jovem em ofertar trabalho. E a literatura sobre o tema é extensa e verifica que as características do domicílio onde o jovem está inserido constituem uma boa parte desses fatores.

Em primeiro lugar, os fatores relacionados ao mercado de trabalho de jovens parecem ser bastante relevantes. Reis (2014) argumenta que a primeira inserção do jovem no mercado de trabalho gira fundamentalmente em torno da questão da escassa informação do empregador sobre o candidato. Nesse sentido, o autor mostra que os jovens (de 15 a 24 anos) apresentam maior probabilidade de permanência no desemprego, em comparação com jovens que já tiveram um emprego e com adultos. Além disso, em média, o primeiro emprego de jovens apresenta condições

mais precárias, como menores rendimentos, empregos sem carteira, maior incidência de trabalhos em período parcial e contratos por tempo determinado. No entanto, há uma parcela relevante dos jovens que apresenta rápida melhora dessas condições após um ano.

Além das condições de entrada no mercado de trabalho comparativamente piores para os jovens, a permanência em postos de trabalho também é comparativamente menor, mesmo em postos de trabalho formais. Flori (2005) mostra que, entre os jovens, as altas taxas de desemprego são explicadas mais pela incidência de desemprego do que pela longa duração do desemprego. Em relação aos empregos formais, Corseuil *et al.* (2014) mostram que, em média, os jovens (com até 24 anos) não possuem maior dificuldade de inserção no mercado formal do que adultos, porém eles perdem o emprego mais facilmente. O emprego formal cresceu mais para jovens do que para adultos, entre 1996 e 2010, e, além disso, no setor formal a incidência de contratos temporários entre os jovens não é maior do que entre adultos. Por último, entre os jovens, a formalização e a proporção de cobertos pelo regime da previdência tem aumentado na última década, acompanhando o movimento geral do mercado de trabalho (Rangel, 2014).

Além das condições do mercado de trabalho, Costa e Ulyssea (2014) examinam determinantes das mudanças de tendências da proporção de jovens nem-nem entre os períodos de 1992 a 2008 e 2009 a 2012. Com uma decomposição de Oaxaca, os autores verificam que, no primeiro período, fatores observáveis (como sexo, raça, idade, escolaridade e fecundidade) explicam boa parte da redução da proporção de jovens nem-nem. No período mais recente, em contraste, apesar da contribuição dos mesmos fatores para a redução da proporção, os efeitos de fatores não observáveis predominaram, no sentido de aumentar a proporção de jovens nem-nem.

Outros estudos vêm examinando os efeitos da renda dos adultos do domicílio sobre a oferta de trabalho dos jovens. Modelos de comportamento coletivo de oferta de trabalho de domicílios têm sido estudados ao menos desde os trabalhos seminais de Chiappori (1992) e Chiappori (1997). No Brasil, Menezes Filho, Cabanas e Komatsu (2014) buscaram examinar com precisão o que havia acontecido com os jovens no mercado de trabalho no período de 1992 a 2012, por meio de modelos *logits* multinomiais utilizando interações entre variáveis-chave para capturar os efeitos de como a renda dos jovens e dos adultos afetam sua participação. A principal conclusão dos autores é a de que a renda dos adultos é um dos principais fatores a aumentar a probabilidade de estudo dos jovens, mesmo que condicionada a outras variáveis. Isso se dá, pois, um aumento na renda domiciliar permite uma alteração na alocação intrafamiliar de renda, de forma que os pais dispendam mais recursos em investimento na educação de seus filhos.

Nessa linha, Carneiro e Ginja (2014) demonstram que choques permanentes na renda dos pais influenciam investimentos em capital humano das crianças e, por isso, é importante pensar em formas de garantir que a renda não tenha choques negativos permanentes. O artigo mostra que há uma alteração na alocação intrafamiliar de renda das famílias quando há mudanças na composição da renda familiar, a família passa a despender mais recursos para investir na educação dos filhos se a renda familiar sofre um choque positivo. Analisando choques na atividade de trabalho em vez da renda, um choque de desemprego no chefe de família homem aumenta a probabilidade de crianças entrarem na força de trabalho no Brasil e de piorarem o seu desempenho na escola (Duryea *et al.*, 2007).

Camarano e Kanso (2012) constataram que a renda domiciliar afeta a frequência escolar, o que Silva e Kassouf (2002) também já haviam observado ao afirmar que uma renda domiciliar *per capita* maior aumentava a probabilidade de o jovem estudar.

Esses estudos, no entanto, não levam em conta a alocação intrafamiliar de recursos dentro de um domicílio e/ou pressupõem que uma unidade de renda do pai equivale a uma unidade de renda da mãe na alocação entre os gastos do domicílio. Apesar de alguns indícios iniciais da ausência de heterogeneidade de efeitos da renda dos pais de acordo com a origem dos rendimentos no domicílio (se ganhos pelo pai ou pela mãe) (Levinson; Moe; Knaul, 2001), trabalhos mais recentes trazem evidências de que a distribuição do poder de barganha no domicílio e a configuração do arranjo familiar importam para a decisão de alocação do tempo dos jovens e o investimento em educação.

Rangel (2006) demonstra que a distribuição de poder na tomada de decisão familiar tem papel fundamental. Um aumento do poder de barganha da mãe dentro do domicílio favorece os gastos com educação, principalmente das filhas mais velhas. Esses argumentos levam a crer que a divisão de renda domiciliar entre renda da mãe e renda do pai é realmente importante para a análise.

Adicionalmente, De Freitas (2015) traz evidências de que o formato do arranjo familiar é relevante para definir qual proporção dos gastos familiares é destinada à educação. Famílias em que só a mãe está presente dependem uma proporção maior de seus gastos com a educação dos filhos, quando comparadas às famílias tradicionais (com a presença do pai e da mãe). Em famílias só com o pai, ocorre o fenômeno oposto: a proporção dos gastos com educação dos filhos é menor, em comparação às famílias tradicionais. Dessa forma, há indícios de diferenças entre as preferências da mãe e do pai pela educação dos filhos, o que novamente levanta a hipótese de que os efeitos do rendimento dos pais sobre a educação dos filhos variam, caso tenham sido ganhos pelo pai ou pela mãe.

A educação dos filhos está diretamente associada à renda de seus pais, pois se não houver estabilidade financeira no domicílio, o custo econômico de não trabalhar não compensa o benefício do investimento em educação. A necessidade de complementar a renda domiciliar é estudada de maneira bastante detalhada por Oliveira, Rios-Neto e Oliveira (2014) e constatou-se que o efeito trabalhador adicional é significativo e positivo para filhos se o chefe da família for homem e ficar desempregado. Se a chefe de família for mulher, o seu desemprego não é significativo para explicar alterações na oferta de trabalho dos filhos. Uma explicação plausível para a falta de efeito nesse caso é que os jovens filhos de mães chefes de família já trabalham, uma vez que esse tipo de domicílio está associado comumente a uma situação de pobreza.

O aumento da participação das mães na população economicamente ativa no período estudado, conforme veremos no gráfico 7, na seção *Resultados descritivos*, pode ajudar a explicar porque a proporção de jovens estudando aumentou, pois acabou aumentando a renda familiar e garantindo uma maior estabilidade financeira domiciliar. Existe a possibilidade, no entanto, de que a causalidade se ocorra na direção inversa. Há um efeito renda e um efeito substituição no aumento da oferta de trabalho da mãe: uma renda mais alta possibilita maiores investimentos em educação, mas a saída da mãe para o mercado de trabalho faz com que os jovens tenham de ficar em casa e substituir o trabalho doméstico da mãe, afastando-se dos estudos (Levison; Moe; Knaul, 2001).

Tavares (2010) constatou que o Programa *Bolsa Família* possibilitou esse aumento da participação da mulher na PEA nas classes mais baixas, pois acarreta um aumento da frequência escolar dos filhos (De Brauw *et al.*, 2014). Com os filhos na escola, a mãe passa a ter mais tempo livre e passa a ofertar mais trabalho. A entrada das mulheres no mercado de trabalho a que Tavares (2010) e De Brauw *et al.* (2014) referem-se estaria associada a um aumento dos estudos dos jovens também, no entanto, nesse caso específico, a relação estabelece-se na direção contrária à proposta em nosso artigo.

### 3 METODOLOGIA ECONOMETRICA E DADOS

O modelo econométrico *Logit* Multinomial foi escolhido para calcular o impacto das variáveis sobre a probabilidade de escolha dos jovens. Como controles adicionais, foram criadas *dummies* de interação entre ano e estado, de forma a controlar todos os efeitos agregados dos estados que possam variar ao longo do tempo.

A regressão tem como variável dependente as situações de escolha do jovem e cada uma assume um valor discreto: estudar e ofertar trabalho (1), somente estudar (2), somente ofertar trabalho (3) e não estudar e nem ofertar trabalho (“nem-nem”) (4).

Temos assim:

Situações:  $j = 1, 2, 3, 4$

Indivíduos:  $i = 1, 2, \dots, N$

Previsor Linear para o indivíduo  $i$ :  $X_i\beta_j$

O *Logit* Multinomial modela a probabilidade do indivíduo  $i$  escolher a situação  $j$  como:

$$P(Y_i = j) = P_{ij} = \frac{\exp(X_i\beta_j)}{1 + \sum_{k=1}^3 \exp(X_i\beta_k)}, \quad j = 1, 2, 3, \quad (1)$$

em que  $X_i$  é o vetor de variáveis independentes do indivíduo  $i$ . Nesse caso, para garantir identificação, utilizamos a categoria dos jovens que não estudam e nem participam da PEA, também chamados de “nem-nem” (categoria 4) como base, de modo que  $\beta_4$  foi normalizado para zero e os coeficientes são interpretados com relação àquela categoria. Para todos os indivíduos da amostra, temos:

$$P(Y_i = j) = P_j = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N \frac{\exp(X_i\beta_j)}{1 + \sum_{k=1}^3 \exp(X_i\beta_k)}, \quad j = 1, 2, 3. \quad (2)$$

Nós calculamos a média das probabilidades previstas ( $\bar{P}$ ) para cada valor das variáveis independentes e imputamos determinados valores das variáveis de trabalho e de renda do pai e da mãe. Depois calculamos a média dessas probabilidades estimadas. Formalmente, seja  $X = [w, Z]$ , em que  $w$  é a característica de interesse e  $Z$  é a matriz com os demais controles. Assim, para os valores  $w = \{w_1, \dots, w_L\}$ , as probabilidades previstas foram calculadas como:

$$\{\bar{P}(y = j | Z, w = w_1), \dots, \bar{P}(y = j | Z, w = w_L)\}, \quad (3)$$

em que  $\bar{P}(y = j | Z, w = w_l) = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N \hat{P}(y = j | Z, w = w_l)$ ,  $\forall l = 1, \dots, L$  e  $\hat{P}(y = j | Z, w = w_l)$  são calculadas a partir da equação (2) com os coeficientes estimados.

Os gráficos, tabelas e regressões deste trabalho foram construídos com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada, anualmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de abrangência nacional. Foram utilizados dados agrupados de 1992 a 2013, mas, como antes de 2004 as áreas rurais da Região Norte não eram abrangidas pela pesquisa, optamos por manter a compatibilidade entre os anos e as desconsideramos entre 2004 e 2013. Além disso, como nos anos de 1994, 2000 e 2010 a Pnad não foi realizada, nesses

dois últimos anos, devido à realização dos censos demográficos. Por esse motivo, nos gráficos utilizamos médias dos anos imediatamente adjacentes.

A subpopulação investigada foi a de jovens, que definimos empiricamente como todos aqueles entre 15 e 24 anos em nossa base de dados. Como mencionado na seção anterior, a nossa variável dependente possui quatro categorias, que combinam a situação de estudos (se o jovem estuda ou não) e a de oferta de trabalho (se ele oferta ou não trabalho). Consideramos como jovens que estudavam aqueles que declararam frequentar a escola. Além disso, consideramos que o jovem ofertou trabalho se ele estava ocupado (se trabalhou ou se tinha trabalho, mas não trabalhou) ou desocupado (procurando emprego) na semana de referência. Em outras palavras, se ele fazia ou não parte da PEA.

As variáveis independentes foram geradas levando em conta os critérios e resultados da literatura empírica sobre o tema. Foram criadas *dummies* de sexo feminino, escolaridade (formado no ensino médio, formado no ensino fundamental), cor branca, presença de adultos (indivíduos entre 30 e 70 anos de idade), idosos (indivíduos acima de 70 anos de idade) e crianças (indivíduos abaixo de 7 anos de idade) no domicílio, idade dos jovens, renda do pai e da mãe e situação de trabalho do pai e da mãe.

A definição de pai e mãe dentro do domicílio deu-se pela posição de chefe ou cônjuge associada à variável de sexo, somente em domicílios com presença de filhos jovens. Tanto o pai quanto a mãe podem ser chefes de domicílio ou cônjuges, essa definição não é utilizada para fins de análise estatística, somente para selecionar os pais.

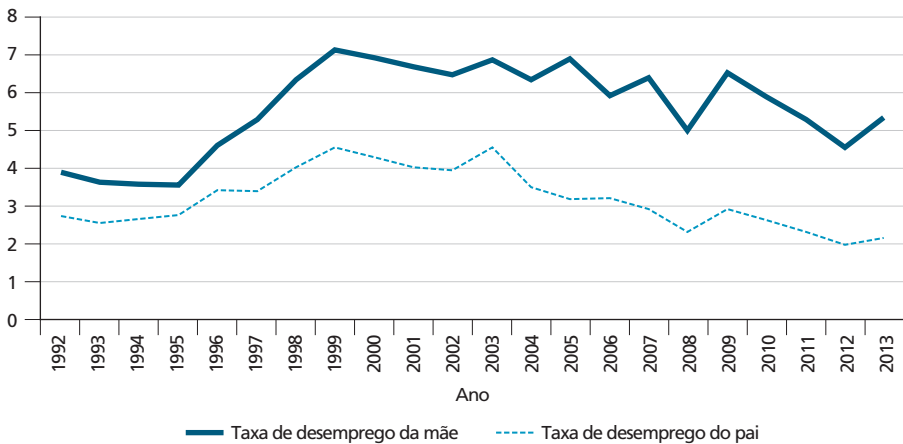
Todas as rendas foram deflacionadas para valores reais de outubro de 2012 utilizando o deflator proposto por Corseuil e Foguel (2002), com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do IBGE. As variáveis de renda do pai e da mãe foram definidas fundamentadas em rendimentos mensais de todos os trabalhos.

#### 4 RESULTADOS DESCRITIVOS

A decisão do jovem entre estudar e ofertar trabalho está vinculada a diversos fatores: estabilidade financeira do domicílio, aquecimento do mercado de trabalho, incentivos ao estudo, entre tantos outros. O mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos passou por transformações que influenciaram na tomada de decisão do jovem. Os custos de oportunidade para um jovem entrar no mercado de trabalho mais cedo mudaram ao longo desse período e constatou-se que isso foi devido à alteração da renda dos adultos (Menezes-Filho; Cabanas; Komatsu, 2014). Ao realizar uma análise mais minuciosa com os dados, nos parece que o principal fator responsável pela alteração da situação de atividade dos jovens foi o aumento da renda da mãe especificamente e não a dos adultos no geral, como veremos a seguir.



**GRÁFICO 2**  
**Domicílios com pai e mãe: taxa de desemprego dos pais**  
 (Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
 Elaboração dos autores.

O gráfico 2 mostra a evolução das taxas de desemprego dos pais e o gráfico 3 mostra a evolução da oferta de trabalho dos jovens por tipo de domicílio. Podemos ver no gráfico 2 que a taxa de desemprego da mãe é muito mais alta que a do pai e que ambas vêm caindo desde 2003 a um ritmo semelhante.

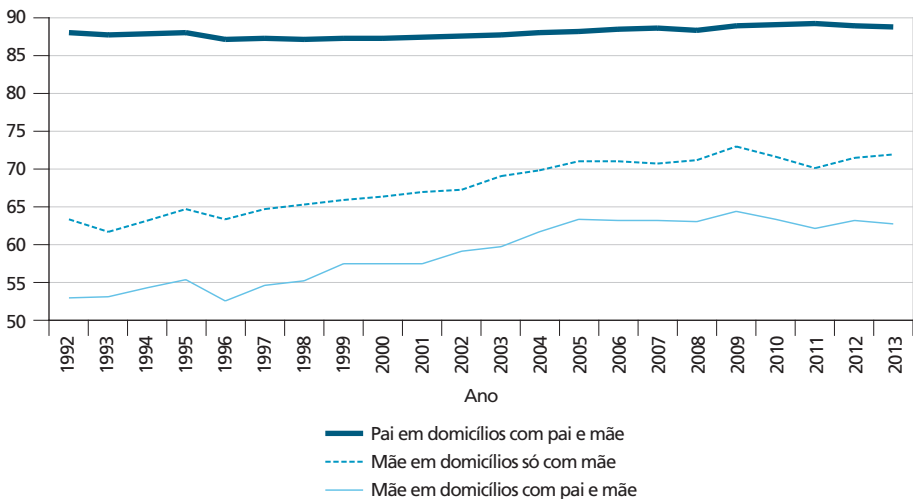
Esses movimentos ocorreram com tendências diferenciadas das taxas de participação, mostradas no gráfico 3. A redução da taxa de desemprego do pai (no gráfico 2) ocorreu enquanto a taxa de participação do pai manteve-se relativamente constante, o que representa uma redução do número de desocupados. Por outro lado, a redução da taxa de desemprego da mãe ocorreu com um aumento da participação das mães nos dois tipos de domicílio colocados no gráfico 3, o que significa um decréscimo proporcionalmente menos acentuado no número de desocupados.

É importante notar que a oferta de trabalho da mãe está relacionada à presença ou não de um cônjuge no domicílio, como podemos verificar a partir do gráfico 3. Em domicílios com pai e mãe, a oferta de trabalho do pai gira em torno de 90%, enquanto a da mãe, apesar da tendência de crescimento ao longo do período analisado, fica na casa dos 60%. A oferta de trabalho da mãe em domicílios em que não há presença de pai é substancialmente maior, em torno de 70%, provavelmente porque, como chefe de família, cabe a ela garantir estabilidade financeira ao domicílio.

A tendência de aumento de oferta de trabalho das mulheres, tanto cônjuges quanto chefes de família, parece inserir-se em um movimento geral de aumento

da participação feminina, que contribuiu para a recuperação do mercado de trabalho com a expansão da PEA em meados dos anos 2000 (Leone; Baltar, 2008). A oferta de trabalho de mulheres cônjuges possui nuances que dependem da renda domiciliar: mulheres cujos maridos tinham rendimentos em posições mais extremas na distribuição salarial apresentam altas taxas de participação na PEA, enquanto as esposas de maridos cujos salários pertenciam às faixas de renda intermediária apresentam participação comparativamente menor (Sedlacek; Santos, 1991).

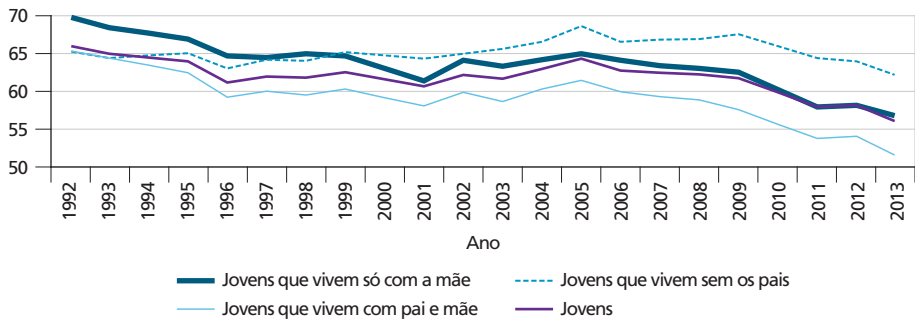
**GRÁFICO 3**  
**Oferta de trabalho dos pais**  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

A oferta de trabalho dos jovens sofreu queda nesse mesmo período em todos os tipos de domicílio, como mostra o gráfico 4. Ainda assim é possível perceber que existe uma diferença considerável entre a oferta de trabalho dos jovens por tipo de domicílio, o que ocorre, provavelmente, porque domicílios sem os pais ou com a presença só da mãe possuem menos recursos disponíveis e precisam de maior oferta de trabalho dos jovens. A presença de ambos os pais no domicílio parece representar uma maior estabilidade financeira, aumentando a probabilidade de o jovem somente estudar.

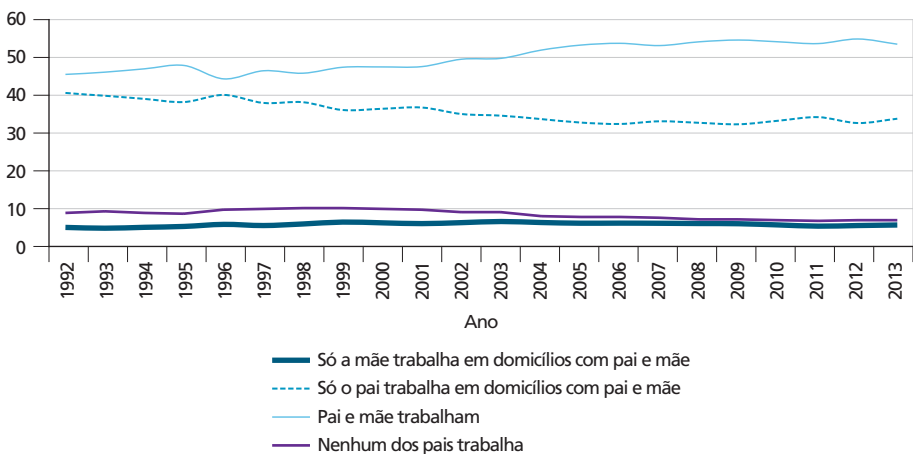
**GRÁFICO 4**  
**Oferta de trabalho dos jovens**  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

O gráfico 5 mostra que, ao longo do período estudado, a proporção de jovens em domicílios com ambos os pais e em que só o pai trabalhava diminuiu, enquanto aumentou a proporção dos jovens que vivem em domicílios onde ambos trabalham. Essas tendências também ilustram o crescimento da oferta de trabalho da mulher nos últimos anos. Nota-se também que os jovens que moram com pais que não trabalham tiveram sua proporção diminuída ao longo do tempo, fenômeno que conversa com a queda geral do desemprego.

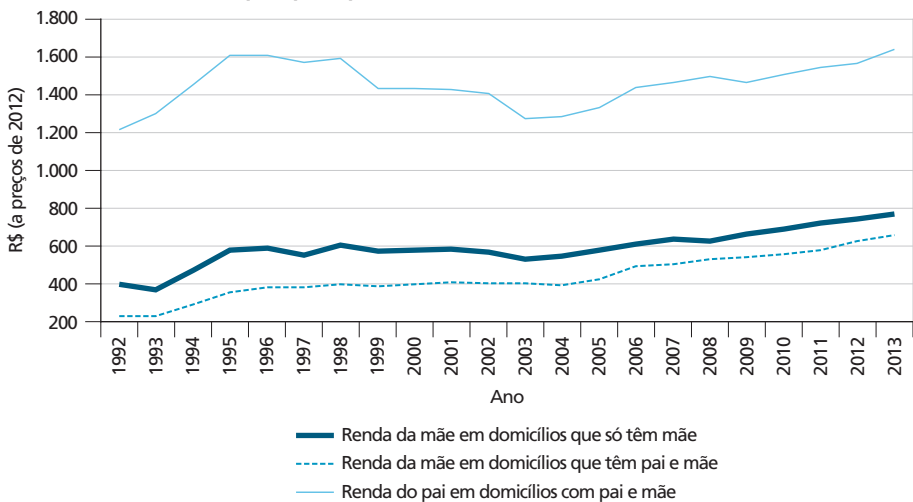
**GRÁFICO 5**  
**Distribuição dos jovens por condição de trabalho dos pais**  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

Para um aprofundamento do estudo, faz-se necessário atentar-se aos níveis de rendimentos do trabalho e também à sua evolução ao longo dos anos. É importante destacar que a variável de rendimentos do trabalho foi construída considerando os indivíduos que não trabalhavam como tendo rendimento igual a zero. O gráfico 6 evidencia a diferença que existe entre as rendas das mães em domicílios que têm pai e mãe e domicílios que têm só mãe. Essa diferença diminuiu ao longo do período estudado e ela indica que as mães, enquanto chefes de família, muitas vezes, têm de garantir a situação financeira do domicílio sozinhas, por isso ofertam mais trabalho e obtêm renda maior.

GRÁFICO 6  
Renda média dos pais por tipo de domicílio



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

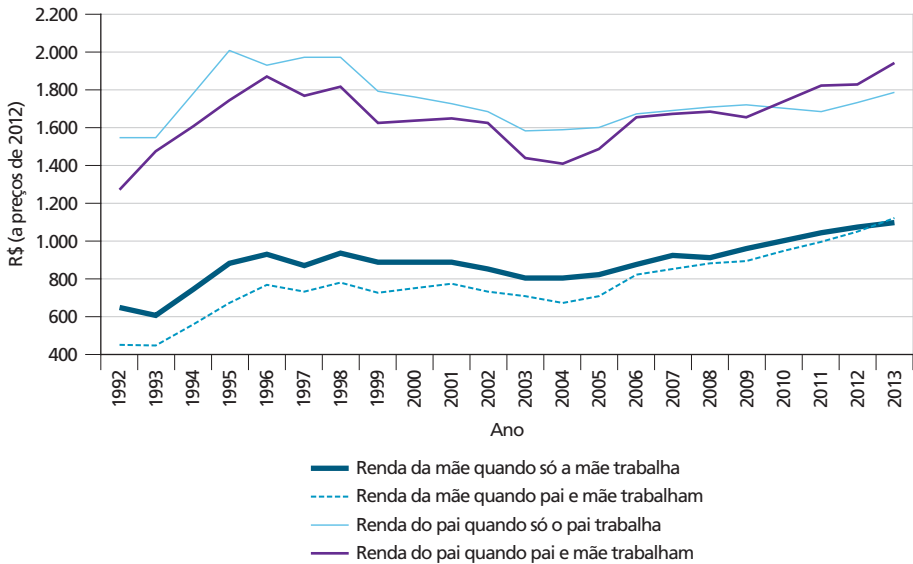
O gráfico 7 mostra as trajetórias das médias de renda do pai e da mãe em domicílios com ambos os pais, para domicílios em que somente um dos pais trabalha e para domicílios em que ambos trabalham. O gráfico 8 mostra o crescimento proporcional das mesmas trajetórias, a partir de 1992.

Em relação ao nível dos rendimentos mostrado no gráfico 7, verifica-se que a renda do pai, independentemente do tipo de domicílio, é maior do que a da mãe. Por outro lado, o gráfico 8 mostra que a renda da mãe aumentou mais que renda do pai em termos proporcionais. Isso se deve em parte ao aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e evidencia que elas também vêm conquistando salários mais altos.

Esse aumento de participação das mulheres no mercado de trabalho, combinado a um aumento de suas rendas, provavelmente permitiu que os jovens se encontrassem

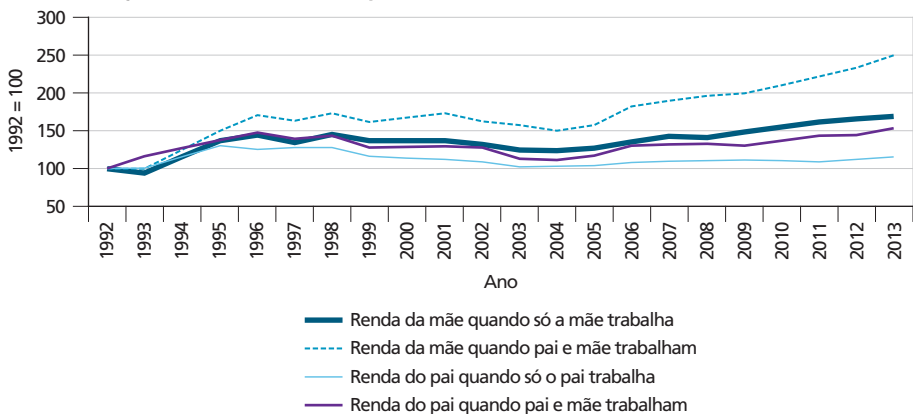
em uma situação financeira mais estável e confortável, de maneira que pudessem optar por estudar mais tempo e postergar a sua entrada no mercado de trabalho.

**GRÁFICO 7**  
**Renda média dos pais**



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

**GRÁFICO 8**  
**Evolução da renda média dos pais**

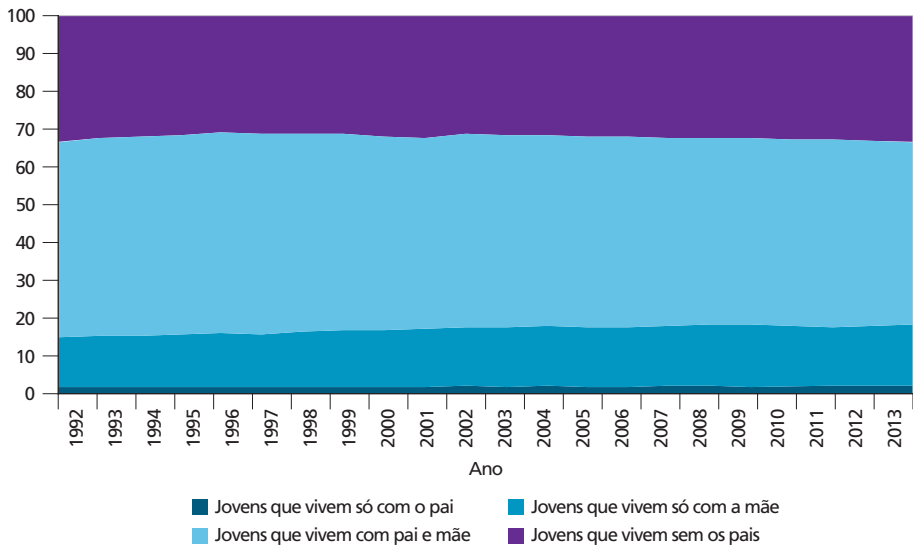


Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

## 5 RESULTADOS ECONÔMÉTRICOS

Para a realização das estimações econométricas deste estudo, utilizou-se uma amostra de jovens que vivem com o pai e/ou com a mãe. Essa limitação da amostra justifica-se pelo nosso objetivo de permitir que os efeitos dos rendimentos dos pais sejam diferenciados, dependendo se foram obtidos pela mãe ou pelo pai. Dessa forma, deixamos de fora os jovens que vivem sem os pais. No gráfico 9, verifica-se proporção de jovens de acordo com o tipo de domicílio em que vivem. Nota-se que mesmo com a variação de renda da mãe e da queda de oferta de trabalho dos jovens, a proporção de jovens que vive sem os pais não se alterou no período analisado. Dessa forma, apesar de focarmos na subpopulação autosseleccionada de jovens que vivem com ambos os pais, é provável que não haja alterações ao longo do tempo na composição desse grupo com relação a variáveis não controladas.

GRÁFICO 9  
Distribuição dos jovens por tipo de domicílio  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (vários anos).  
Elaboração dos autores.

Na tabela 1, seguem informações descritivas da amostra utilizada nas regressões principais. A amostra é formada por 653.874 jovens que vivem com o pai e/ou a mãe.

**TABELA 1**  
**Variáveis descritivas da amostra**

Variáveis	Proporção ou média
Formado no EF	59,39%
Formado no EM	25,93%
Formado no ES	1,57%
Mulher	44,87%
Branco	47,34%
Presença de idoso no domicílio	4,79%
Presença de criança no domicílio	25,05%
Pai trabalha	85,36%
Mãe trabalha	55,78%
Renda média do pai	R\$ 1.435,96
Renda média da mãe	R\$ 448,83
Observações	653.874

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).  
Elaboração dos autores.

Foram estimadas regressões com três especificações diferentes: uma somente com as variáveis de renda dos pais, uma somente com as variáveis de situação de trabalho dos pais e uma com as variáveis de renda e trabalho. Os demais controles foram escolhidos levando em conta os resultados empíricos da literatura mencionados na revisão bibliográfica. Os coeficientes relativos à regressão de renda seguem na tabela 2.

Podemos verificar, em primeiro lugar, que todas as variáveis explicativas utilizadas têm coeficientes estatisticamente significantes para as três categorias da variável dependente. As variáveis de renda, tanto do pai quanto da mãe, apresentam coeficientes positivos para as duas situações de estudos, sempre maior para a renda da mãe, sendo a situação “nem-nem” a categoria de referência. Como em estudos anteriores, o sexo feminino parece reduzir a probabilidade do jovem não ser “nem-nem”.

A presença de adultos no domicílio aumenta as probabilidades de o jovem estudar ou ofertar trabalho, enquanto a presença de crianças ou de idosos reduz essas probabilidades. Em relação às variáveis de escolaridade, a formação no ensino fundamental faz com que as probabilidades de não ser “nem-nem” aumentem em relação àqueles que possuem o fundamental incompleto. No entanto, a formação no ensino médio reduz comparativamente as chances de continuar nos estudos, uma vez que muitos jovens não seguem para o ensino superior. Por último, a idade parece reduzir a probabilidade das situações de estudo, porém aumenta a probabilidade de só ofertar trabalho.

TABELA 2  
Situação do jovem e renda dos pais

Variáveis independentes	Situação ocupacional do jovem			
	Estuda e PEA	Estuda	PEA	Nem-nem (Base)
Renda média do pai	0,098***	0,176***	-0,06***	-
Renda média da mãe	0,126***	0,212***	-0,122***	-
Presença de adulto no domicílio	0,568***	0,422***	0,311***	-
Feminino	-0,746***	-0,103***	-1,206***	-
Formado no EM	-0,957***	-1,182***	0,335***	-
Formado no EF	1,643***	1,748***	0,387***	-
Branco	0,136***	0,236***	-0,022**	-
Presença de idoso no domicílio	-0,101***	-0,041*	-0,15***	-
Presença de criança no domicílio	-0,297***	-0,353***	-0,053***	-
Número de crianças no domicílio	-0,184***	-0,316***	-0,027***	-
16 anos	-0,233***	-0,727***	0,191***	-
17 anos	-0,575***	-1,453***	0,34***	-
18 anos	-1,03***	-2,253***	0,563***	-
19 anos	-1,187***	-2,692***	0,811***	-
20 anos	-1,271***	-3,002***	0,923***	-
21 anos	-1,336***	-3,236***	1,018***	-
22 anos	-1,383***	-3,454***	1,103***	-
23 anos	-1,527***	-3,693***	1,144***	-
24 anos	-1,596***	-3,936***	1,255***	-
<i>Dummies</i> de ano	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> de UF	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> ano*UF	Sim	Sim	Sim	-
Constante	1,825***	1,875***	1,269***	-
Observações		653.874		
P > X <sup>2</sup>		0,000		
Pseudo R <sup>2</sup>		0,181		

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Notas: Significância dos coeficientes: \*\*\* 1%; \*\* 5%; \* 10%.

Resultados semelhantes são encontrados na tabela 3, relativa à regressão com as variáveis de trabalho dos pais. Nesse caso, o trabalho dos pais aumenta a probabilidade de qualquer situação de trabalho e estudo, em detrimento da situação “nem-nem”, inclusive a oferta exclusiva de trabalho. Note que os coeficientes para o trabalho das mães são maiores nos casos das situações com oferta de trabalho dos jovens, em comparação ao trabalho dos pais. Parte dessas diferenças pode ser devida às disparidades de níveis salariais do mercado de trabalho, em média menores para as mulheres.



**TABELA 3**  
**Situação do jovem e trabalho dos pais**

Variáveis independentes	Situação ocupacional do jovem			
	Estuda e PEA	Estuda	PEA	Nem-nem (Base)
Pai trabalha	0,31***	0,174***	0,219***	-
Mãe trabalha	0,458***	0,118***	0,302***	-
Presença de adulto no domicílio	0,464***	0,45***	0,16	-
Feminino	-0,78***	-0,158***	-1,194***	-
Formado no EM	-0,828***	-0,852***	0,239***	-
Formado no EF	1,692***	1,89***	0,368***	-
Branco	0,185***	0,365***	-0,07***	-
Presença de idoso no domicílio	-0,047**	-0,055**	-0,052**	-
Presença de criança no domicílio	-0,3***	-0,377***	-0,039**	-
Número de crianças no domicílio	-0,186***	-0,332***	-0,023**	-
16 anos	-0,233***	-0,74***	0,191***	-
17 anos	-0,58***	-1,483***	0,336***	-
18 anos	-1,037***	-2,319***	0,569***	-
19 anos	-1,183***	-2,765***	0,829***	-
20 anos	-1,256***	-3,064***	0,952***	-
21 anos	-1,306***	-3,287***	1,058***	-
22 anos	-1,333***	-3,488***	1,156***	-
23 anos	-1,468***	-3,721***	1,213***	-
24 anos	-1,514***	-3,928***	1,333***	-
<i>Dummies</i> de ano	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> de UF	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> ano*UF	Sim	Sim	Sim	-
Constante	1,531***	1,849***	0,987***	-
Observações	668.916			
P > X <sup>2</sup>	0,000			
Pseudo R <sup>2</sup>	0,181			

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Notas: Significância dos coeficientes: \*\*\* 1%; \*\* 5%; \* 10%.

Em relação às demais covariadas, os resultados pouco se alteram, com duas exceções. A presença de adultos no domicílio aumenta as probabilidades das duas situações de estudos em comparação à situação “nem-nem”, porém não possui efeitos significantes sobre a situação de participação exclusiva no mercado de trabalho. Além disso, as estimativas para a presença de idosos mantêm os mesmos sinais, porém têm a magnitude bastante reduzida em relação às duas situações de oferta de trabalho.

TABELA 4  
Situação do jovem e renda e trabalho dos pais

Variáveis independentes	Situação ocupacional do jovem			
	Estuda e PEA	Estuda	PEA	Nem-nem (Base)
Pai trabalha	0,162***	-0,124***	0,34***	-
Mãe trabalha	0,452***	-0,036***	0,467***	-
Renda média do pai	0,0964***	0,175***	-0,079***	-
Renda média da mãe	0,013*	0,184***	-0,274***	-
Presença de adulto no domicílio	0,467***	0,453***	0,166	-
Feminino	-0,761***	-0,101***	-1,223***	-
Formado no EM	-0,932***	-1,18***	0,375***	-
Formado no EF	1,657***	1,752***	0,413***	-
Branco	0,144***	0,236***	-0,009	-
Presença de idoso no domicílio	-0,038*	-0,054***	-0,052***	-
Presença de criança no domicílio	-0,294***	-0,351***	-0,053***	-
Número de crianças no domicílio	-0,181***	-0,318***	-0,026***	-
16 anos	-0,227***	-0,728***	0,197***	-
17 anos	-0,562***	-1,456***	0,352***	-
18 anos	-1,009***	-2,258***	0,584***	-
19 anos	-1,158***	-2,698***	0,841***	-
20 anos	-1,229***	-3,011***	0,968***	-
21 anos	-1,287***	-3,247***	1,071***	-
22 anos	-1,322***	-3,47***	1,171***	-
23 anos	-1,457***	-3,711***	1,226***	-
24 anos	-1,513***	-3,961***	1,353***	-
Dummies de ano	Sim	Sim	Sim	-
Dummies de UF	Sim	Sim	Sim	-
Dummies ano*UF	Sim	Sim	Sim	-
Constante	1,559***	1,98***	0,891***	-
Observações	653.874			
P > X <sup>2</sup>	0,000			
Pseudo R <sup>2</sup>	0,200			

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Notas: Significância dos coeficientes: \*\*\* 1%; \*\* 5%; \* 10%.

Na tabela 4, utilizaram-se na regressão tanto as variáveis de renda dos pais como as variáveis de trabalho deles. Controlando pelas variáveis de renda, as variáveis de trabalho passam a apresentar sinais negativos para a situação de dedicação exclusiva aos estudos. Esse resultado sugere que, controlando pelo retorno médio do trabalho dos pais, o fato de os pais trabalharem pode fazer com que os jovens deixem de se dedicar somente aos estudos e passem a outras atividades. É possível que com o trabalho dos pais, o trabalho doméstico, como o cuidado de irmãos menores,

tenha de ser realizado pelos jovens. O trabalho das mães, em comparação com o dos pais, apresenta efeitos maiores para ambas as situações de oferta de trabalho dos jovens e um efeito negativo muito menor para a dedicação exclusiva aos estudos.

Condicionando no trabalho dos pais, as estimativas do coeficiente da variável de renda dos pais não se alteram de forma relevante, enquanto o coeficiente da renda da mãe diminui muito no caso de estudos e oferta de trabalho dos jovens, e se torna mais negativo para a situação de oferta exclusiva de trabalho. Em comparação com a renda dos pais, a renda das mães parece ter um efeito significativamente menos positivo para o aumento da probabilidade de estudos e oferta de trabalho, enquanto para a situação de oferta exclusiva de trabalho, o efeito da renda das mães é comparativamente muito mais negativo.

### 5.1 Probabilidades previstas

Para entender como as mudanças das variáveis de ocupação e rendimento dos pais ao longo do tempo afetaram as probabilidades de cada situação de estudos e oferta de trabalho dos jovens, realizamos simulações de como essas probabilidades são afetadas com as mudanças isoladas por cada variável. A partir dos coeficientes estimados da regressão da tabela 4, foram calculadas as probabilidades previstas para cada estado de atividade dos jovens de acordo com a equação (3), utilizando valores fixos de renda e para os valores binários de situação de trabalho dos pais.

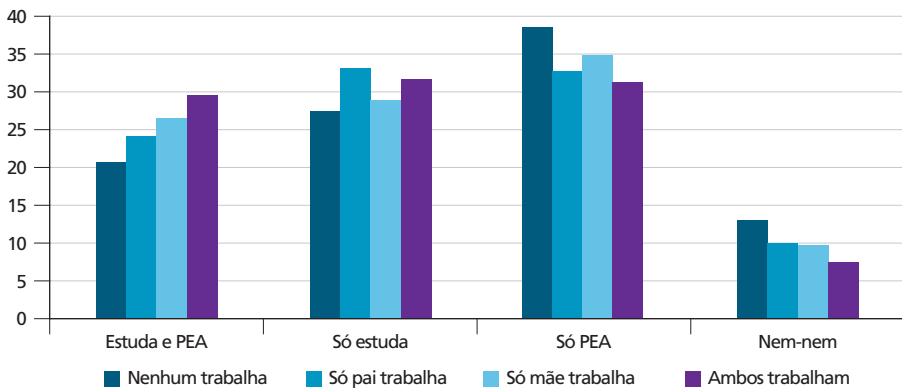
Em primeiro lugar, o gráfico 10 mostra a distribuição das probabilidades previstas por situação de trabalho do pai e da mãe. Essa simulação mostra como as probabilidades seriam alteradas, caso mantivéssemos todos os fatores constantes, exceto as situações ocupacionais dos pais. É possível verificar que quando ambos os pais trabalham, as probabilidades de o jovem somente ofertar trabalho ou de não estudar e nem ofertar trabalho diminuem, enquanto as probabilidades das duas situações com estudos aumentam, em comparação a situações em que somente algum deles trabalha, ou ambos não trabalham.

O efeito da passagem de situações de não trabalho dos pais para a entrada em algum trabalho normalmente envolve um salto descontínuo na renda e no tempo disponibilizado para o domicílio, o que pode ter efeitos opostos sobre a alocação de tempo dos jovens. Os resultados sugerem que o efeito da renda parece ser mais importante, deslocando os jovens para os estudos.

É importante observar que as situações em que só a mãe trabalha ou só o pai trabalha geram probabilidades bastante diferenciadas para a alocação de tempo dos jovens. Quando somente o pai trabalha no domicílio, há um aumento da probabilidade de o jovem só estudar, em comparação com a situação em que só a mãe trabalha, ou que nenhum dos dois trabalha. Quando somente a mãe trabalha, as probabilidades das duas situações em que o jovem oferta trabalho (estudando ou não) aumentam

ligeiramente em comparação com a situação em que somente o pai trabalha. Nesse sentido, é possível que a diferença entre as médias salariais de homens e mulheres tenha algum papel nessas mudanças.

**GRÁFICO 10**  
**Probabilidades previstas pelo estado de trabalho dos pais**  
(Em %)



Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).  
Elaboração dos autores.

Para examinarmos os efeitos do crescimento dos rendimentos do trabalho dos pais e das mães, realizamos simulações das probabilidades de alocação dos jovens nas quatro situações estudadas, quando variamos os rendimentos do pai e da mãe entre os valores mínimo e máximo das médias anuais entre 1992 e 2013. Nesse período, o rendimento médio das mães variou entre R\$ 200 e R\$ 700, enquanto as médias para os pais foram de R\$ 1.200 a R\$ 1.600. Os resultados são mostrados nos gráficos 11A e 11B.

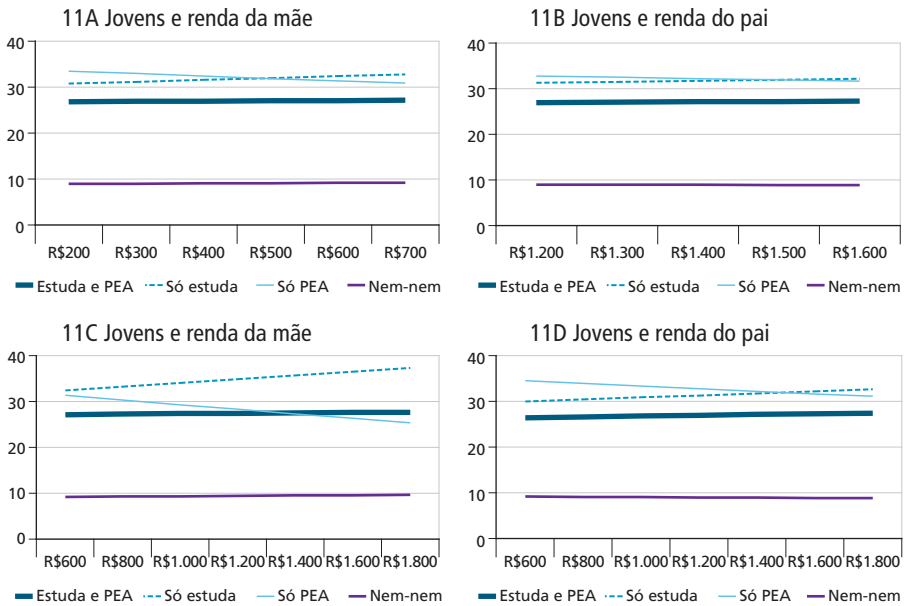
O gráfico 11A mostra que o crescimento do rendimento médio das mães gerou uma importante redução da proporção de jovens que participam exclusivamente da PEA em 2,1 pontos percentuais (p.p.), ao mesmo tempo em que fez a proporção de jovens que só estudam aumentar 1,6 p.p. Por outro lado, o gráfico 11B mostra que o crescimento dos rendimentos médios reduziu a probabilidade de oferta exclusiva de trabalho dos jovens em 1,1 p.p., e aumentou a probabilidade de os jovens só estudarem em 0,9 p.p. Nos dois casos, os efeitos sobre as probabilidades de estudar e ofertar trabalho e da situação “nem-nem” foram de pequena magnitude para esses intervalos de renda.

Esses resultados indicam que o aumento observado dos rendimentos médios das mães no período, associado também ao aumento da oferta de trabalho dessas mães, parece ter sido mais importante para explicar a redução da proporção de jovens que só ofertam trabalho e o aumento da proporção de jovens que só estudam entre 1992 e 2013.

Para uma comparação mais direta sobre os efeitos dos rendimentos de pais e de mães, fizemos simulações em que essas duas fontes de renda variam em um intervalo comum, entre R\$ 600 e R\$ 1.800. Os resultados são mostrados nos gráficos 11C e 11D. Fica evidente que para o aumento de uma unidade da renda da mãe, a probabilidade de o jovem só estudar ou só ofertar trabalho varia em uma magnitude maior do que o aumento da renda do pai de mesma magnitude. Um aumento da renda da mãe de R\$ 600 para R\$ 1.800 faz com que a probabilidade de o jovem dedicar-se, exclusivamente, aos estudos aumente 4,9 p.p. e, além disso, reduz em 6 p.p. a probabilidade de ele só ofertar trabalho. Um aumento dos rendimentos do pai nesse mesmo intervalo faria com que a proporção de jovens que só estudam aumentasse 2,7 p.p. e a proporção de jovens que só participam da PEA diminuísse 3,7 p.p. Esses resultados sugerem que a renda da mãe parece ter um efeito mais importante que a renda do pai para alterar a situação de trabalho e estudo dos filhos.

GRÁFICO 11

**Probabilidades previstas pelo nível de renda dos pais**



Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).  
Elaboração dos autores.

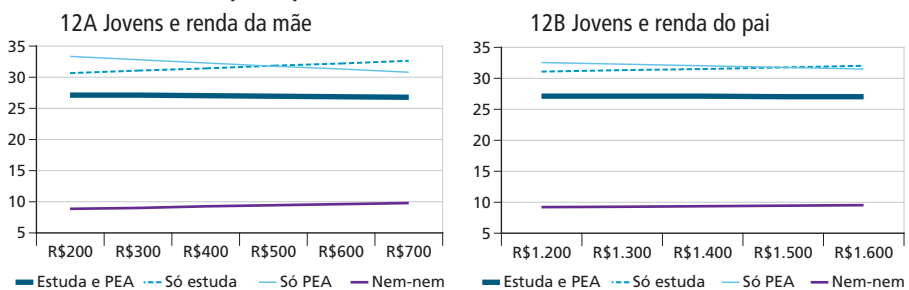
É possível que além dos rendimentos provenientes do trabalho, o nível de renda domiciliar por morador, contando com outras fontes de renda, gerem heterogeneidade nos grupos de rendimento do trabalho dos pais, alterando os resultados obtidos. Por esse motivo, realizamos outra série de regressões análogas

às anteriores, porém controlando adicionalmente pela renda domiciliar *per capita* (tabelas A.1 e A.2 do apêndice). Isso permite, por exemplo, controlar os casos das pessoas que vivem de juros e aposentadorias, entre outros. Os resultados dos efeitos marginais para a situação de trabalho das mães e pais praticamente não se alteraram e, em consequência, não serão mostrados. No entanto, as simulações relativas aos rendimentos das mães e dos pais, tiveram algumas diferenças em relação aos resultados anteriores e são mostradas no gráfico 12. Com a inclusão da renda domiciliar *per capita*, o crescimento dos rendimentos tanto dos pais quanto das mães gera ligeiras reduções sobre as probabilidades de o jovem simultaneamente participar da PEA e estudar. Além disso, o crescimento dos rendimentos também leva a um aumento maior da proporção de jovens na situação “nem-nem”, ainda que bastante pequeno.

Esses resultados são importantes e se aproximam mais daqueles mostrados na tabela 2, sugerindo que um aumento dos rendimentos dos pais acaba por retirar os filhos da situação de trabalho e estudo, permitindo que eles possam somente estudar. Além disso, o efeito positivo do aumento dos rendimentos do pai e da mãe sobre a probabilidade de o filho ser “nem-nem”, indica que esse aumento modifica o custo de oportunidade de o filho trabalhar, fazendo com que seja mais interessante para o domicílio ter o jovem em casa ajudando com as tarefas domésticas do que trabalhando a retornos menores. No entanto, as conclusões anteriores sobre as proporções de jovens que só estudam ou só ofertam trabalho continuam inalteradas.

GRÁFICO 12

**Probabilidades previstas pelo nível de renda dos pais regressões com controle por renda domiciliar *per capita***



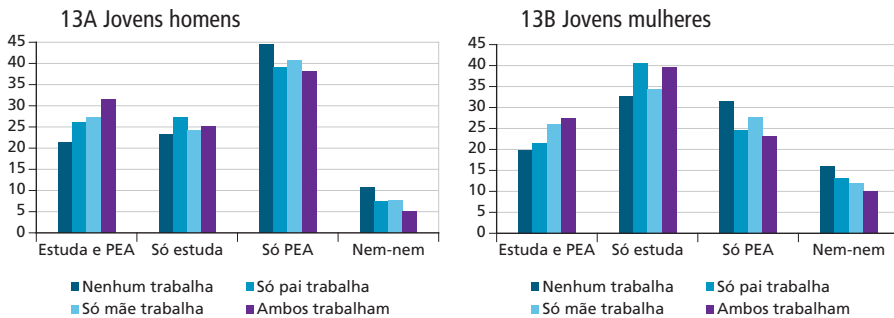
Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).  
Elaboração dos autores.

Por último, consideramos que os efeitos da renda do pai e da mãe podem ser diferenciados segundo o gênero do jovem e, em consequência, realizamos novas regressões e simulações separadamente para jovens do sexo masculino e feminino.

Em relação à situação ocupacional de pais e mães, mostramos os resultados no gráfico 13. Em primeiro lugar, é importante notar que as proporções de jovens

por situação de estudos e trabalho é muito diferente por sexo, independentemente dos efeitos da situação ocupacional dos pais e das mães. No geral, os filhos homens têm probabilidades maiores de participar da PEA e menores de somente estudar, em comparação às filhas. No entanto, os efeitos que a situação de trabalho dos pais e das mães gera sobre a probabilidade são muito semelhantes para jovens de ambos os sexos.

GRÁFICO 13

**Probabilidades previstas para jovens, dada a situação de trabalho dos pais**

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Um resumo das simulações do crescimento dos rendimentos do trabalho de mães e de pais de jovens é mostrado na tabela 5. No geral, as tendências que as probabilidades seguem são as mesmas que apareciam nos gráficos anteriores: o crescimento dos rendimentos das mães ou dos pais gera aumento das probabilidades das situações que envolvem os estudos dos jovens e reduz a probabilidade de o jovem só ofertar trabalho. Os efeitos são, no entanto, ligeiramente diferenciados entre jovens meninos e meninas, especialmente em relação à probabilidade de ser “nem-nem”. O crescimento dos rendimentos das mães leva a uma redução maior da oferta exclusiva de trabalho entre os meninos e a um aumento da proporção de “nem-nem”. Por outro lado, o mesmo crescimento dos rendimentos leva a uma pequena redução da proporção de “nem-nem” entre as meninas.

O crescimento dos rendimentos dos pais parece ter uma diferenciação menor entre os jovens por sexo, porém também faz com que a proporção de jovens mulheres “nem-nem” reduza. Dessa forma, há alguns pequenos indícios de que as rendas do pai ou da mãe têm impactos maiores para alterar a situação de estudo e de trabalho das filhas do que dos filhos. Tal resultado difere dos resultados que De Freitas (2015) apresenta para afirmar que não há discriminação de alocação de gênero na alocação de investimentos educacionais aos filhos.

TABELA 5  
Diferença das probabilidades previstas a partir da variação da renda dos pais

Variáveis	Jovens	Estuda e PEA	Só estuda	Só PEA	Nem-nem
Renda da mãe (R\$ 200-R\$ 700)	Mulheres	0,2%	1,9%	-2,1%	-0,1%
	Homens	0,5%	2,1%	-3,0%	0,4%
	<b>Total</b>	<b>0,4%</b>	<b>2,0%</b>	<b>-2,6%</b>	<b>0,3%</b>
Renda do pai (R\$ 1.200-R\$ 1.600)	Mulheres	0,3%	1,1%	-1,0%	-0,3%
	Homens	0,4%	0,8%	-1,2%	0,0%
	<b>Total</b>	<b>0,3%</b>	<b>0,9%</b>	<b>-1,1%</b>	<b>-0,1%</b>

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).  
Elaboração dos autores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo examinar os fatores que influenciam a alocação de tempo dos jovens entre os estudos e o mercado de trabalho, partindo da hipótese de que essa decisão é tomada levando em conta também a alocação do tempo e da renda das outras pessoas do domicílio. Dessa forma, a análise teve como foco os efeitos diferenciados da situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho de mães e de pais.

Os resultados analisados nos mostraram que a renda da mãe tem um efeito maior que a renda do pai para aumentar a probabilidade de o jovem só estudar e que ela tem um efeito maior para diminuir a probabilidade de o jovem só ofertar trabalho. Quanto às situações de atividade em que o jovem trabalha e estuda ou é “nem-nem”, não foi possível concluir que a renda da mãe teria um efeito muito diferente do da renda do pai para alterar essas probabilidades.

A análise quanto às probabilidades preditas da situação de trabalho dos pais é de alguma forma complementar à análise a partir das rendas. Nossas simulações com a situação ocupacional dos pais nos permitem concluir que se ambos os pais trabalham, as probabilidades de o jovem ser “nem-nem” ou a de ele somente participar da PEA diminuem. Quando ambos os pais trabalham, a probabilidade de o jovem só participar da PEA reduz-se, em comparação com a situação em que nenhum dos pais trabalha. Só a mãe trabalhar aumenta mais a mesma probabilidade, em comparação a quando somente o pai trabalha, também porque essa situação acontece em domicílios mais vulneráveis. Quanto às outras atividades do jovem, as probabilidades preditas para o trabalho dos pais não nos auxilia a explicar o que aconteceu com os jovens no período estudado.

Os rendimentos do trabalho da mãe mostraram-se um fator muito importante para aumentar a probabilidade de os jovens estudarem e diminuir a probabilidade de eles somente ofertarem trabalho; mais forte que a renda do pai para conseguir



esses efeitos. Mesmo se adicionarmos um controle de renda domiciliar *per capita*, a diferença entre a renda da mãe e do pai se mantém. Esse resultado parece manter-se quando a análise é realizada separadamente por gênero dos jovens.

Embora os resultados obtidos reflitam somente uma correlação e não uma causalidade, com apoio da literatura, é possível verificar que o papel da mulher dentro do domicílio é muito importante para influenciar uma série de decisões tomadas acerca da educação dos filhos. As decisões do filho jovem entre estudo e trabalho não são independentes da decisão de ofertar trabalho dos outros integrantes da família. O aumento do poder de barganha da mulher dentro do domicílio parece ser um aspecto importante para avançar mais no desenvolvimento dos filhos jovens em termos educacionais.

A busca por um empoderamento da mulher no Brasil é relevante sob muitos aspectos e parece que, também, para aumentar o nível de escolaridade do país, uma vez que a renda da mãe pode ter um papel importante para que os jovens dediquem mais tempo aos estudos. Muitos avanços foram alcançados nesse sentido no período estudado, como podemos constatar com a entrada maior da mãe na força de trabalho e com um crescimento real de sua renda substantivo, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

## REFERÊNCIAS

- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Boletim de Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise**, n. 53, Rio de Janeiro, nov. 2012. (Nota Técnica).
- CARNEIRO, P.; GINJA, R. **Partial insurance and investments in children**. Institute for the Study of Labor, Bonn, abr. 2015. (IZA Discussion Papers n. 8979).
- CHIAPPORI, P. A. Collective labor supply and welfare. **Journal of Political Economy**, v. 100, n. 3, p. 437-467, jun. 1992.
- \_\_\_\_\_. Introducing household production in collective models of labor supply. **Journal of Political Economy**, v. 105, n. 1, p. 191-209, fev. 1997.
- CORSEUIL, C. H.; FOGUEL, M. Uma sugestão de deflatores para rendas obtidas a partir de algumas pesquisas domiciliares do IBGE. Rio de Janeiro: IPEA, jul. 2002. (Texto para Discussão, n. 897).
- CORSEUIL, C. H. *et al.* A Rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Orgs.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

COSTA, J. S. M.; ULYSSEA, G. O fenômeno dos jovens nem-nem. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Orgs.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

DE FREITAS, N. C. F. B. W. **Investimentos Familiares em educação dos filhos no Brasil**: o arranjo familiar importa? 107 f, 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2001.

DE BRAUW, A. *et al.* The impact of bolsa família on women's decision making power. **World Development**, v. 59, p. 487-504. Washington: Elsevier, 2014.

DURYEA, S.; LAM, D.; LEVISON, D. Effects of economic shocks on children's employment and schooling in Brazil. **Journal of Development Economics**, v. 84, p. 188-214, 2007.

FLORI, P. M. Desemprego de jovens no Brasil. **Revista da ABET**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2005.

INSPER – INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR EM SÃO PAULO. **Panorama do Mercado de Trabalho**. Centro de Políticas Públicas do Insper, 2014. Disponível em: <goo.gl/Tniu8q>.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 233-249, jul./dez. 2008.

LEVISON, D.; MOE, K.; KNAUL, F. Youth education and work in Mexico. **World Development**, v. 29, n. 1, p. 167-188, jan. 2001.

MENEZES-FILHO, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. Crescimento da renda e as escolhas dos jovens entre os estudos e o mercado de trabalho. *In*: Encontro Nacional de Economia, 42., 2014, Natal, Rio Grande do Norte. **Anais...** Natal: Anpec, dez. 2014.

OLIVEIRA, E. L.; RIOS-NETO, E. G.; OLIVEIRA, A. M. H. C. O efeito trabalhador adicional para filhos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, v. 31, n.1, p. 29-49, jan./jul. 2014.

RANGEL, L. A. Cobertura previdenciária de jovens no período de 2003 a 2012: uma investigação dos possíveis efeitos de políticas de incentivo à inclusão previdenciária. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Orgs.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

RANGEL, M. A. Alimony rights and intrahousehold allocation of resources: evidence from Brazil. **The Economic Journal**, Oxford, v. 116, n. 513, p. 627-658, jul. 2006.

REIS, M. C. Uma análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileiras. *In*: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Orgs.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

SEDLACEK, G. L.; SANTOS, E. C. A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração de renda familiar. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 449-470, dez. 1991.

SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. O trabalho e a escolaridade dos brasileiros jovens. *In*: Encontro da ABEP, 13., Ouro Preto, Minas Gerais, 2002. **Anais...** Ouro Preto: Abep, 2002.

TAVARES, P. A. Efeito do programa bolsa família sobre a oferta de trabalho das mães. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 3 (40), p. 613-635, dez. 2010.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. **Decisões críticas em idades críticas**: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. Rio de Janeiro: Ipea, jun. 2001. (Texto para Discussão, n. 797).

NGUYEN, A. N.; TAYLOR, J. Post-high school choices: new evidence from a multinomial logit model. **Journal of Population Economics**, v. 16, n. 2, p. 287-306, maio 2003.

DE BARROS, R. P. *et al.* **Determinantes do desempenho educacional no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, out. 2001. (Texto para Discussão, n. 834).

## APÊNDICE

TABELA A.1

### Situação do jovem e renda dos pais e situação do jovem e trabalho dos pais

Variáveis independentes	Situação ocupacional do jovem					
	Estuda e PEA	Estuda	PEA	Estuda e PEA	Estuda	PEA
Renda média do pai	-0,05***	0,048***	-0,143***	-	-	-
Renda média da mãe	-0,054***	0,054***	-0,226***	-	-	-
Pai trabalha	-	-	-	0,254***	0,078***	0,229***
Mãe trabalha	-	-	-	0,41***	0,031***	0,308***
Presença de adulto no domicílio	0,634***	0,474***	0,343***	0,479***	0,475***	0,156
Feminino	-0,729***	-0,089***	-1,197***	-0,745***	-0,1***	-1,206***
Formado no EM	-1,077***	-1,283***	0,272***	-1,055***	-1,235***	0,255***
Formado no EF	1,623***	1,73***	0,376***	1,625***	1,763***	0,366***
Branco	0,098***	0,205***	-0,042***	0,102***	0,223***	-0,054***
Presença de idoso no domicílio	-0,158***	-0,091***	-0,182***	-0,065***	-0,083***	-0,056***
Presença de criança no domicílio	-0,228***	-0,295***	-0,018	-0,242***	-0,285***	-0,05***
Número de crianças no domicílio	-0,174***	-0,307***	-0,02**	-0,172***	-0,311***	-0,02**
16 anos	-0,24***	-0,733***	0,188***	-0,228***	-0,734***	0,197***
17 anos	-0,585***	-1,461***	0,336***	-0,571***	-1,47***	0,346***
18 anos	-1,039***	-2,26***	0,559***	-1,015***	-2,278***	0,58***
19 anos	-1,206***	-2,708***	0,801***	-1,164***	-2,725***	0,842***
20 anos	-1,304***	-3,03***	0,907***	-1,246***	-3,047***	0,966***
21 anos	-1,389***	-3,282***	0,991***	-1,313***	-3,303***	1,073***
22 anos	-1,46***	-3,52***	1,065***	-1,361***	-3,551***	1,172***
23 anos	-1,631***	-3,781***	1,094***	-1,516***	-3,828***	1,229***
24 anos	-1,733***	-4,051***	1,191***	-1,602***	-4,131***	1,35***
Renda <i>per capita</i>	0,81***	0,721***	0,491***	0,588***	0,83***	0,019
<i>Dummies</i> de ano	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<i>Dummies</i> de UF	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<i>Dummies</i> ano* UF	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Constante	1,678***	1,745***	1,18***	1,678***	1,745***	1,18***
Observações		653.874			668.916	
P > X <sup>2</sup>		0,000			0,000	
Pseudo R <sup>2</sup>		0,196			0,194	

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Notas: Significância dos coeficientes: \*\*\* 1%; \*\* 5%; \* 10%.

TABELA A.2  
**Situação do jovem e renda e trabalho dos pais**

Variáveis independentes	Situação ocupacional do jovem			
	Estuda e PEA	Estuda	PEA	Nem-nem (Base)
Pai trabalha	0,31***	-0,025*	0,421***	-
Mãe trabalha	0,499***	-0,003	0,494***	-
Renda média do pai	-0,08***	0,042***	-0,194***	-
Renda média da mãe	-0,204***	0,016**	-0,419***	-
Presença de adulto no domicílio	0,503***	0,475***	0,187	-
Feminino	-0,744***	-0,088***	-1,212***	-
Formado no EM	-1,062***	-1,28***	0,292***	-
Formado no EF	1,639***	1,735***	0,399***	-
Branco	0,104***	0,204***	-0,036***	-
Presença de idoso no domicílio	-0,07***	-0,082***	-0,076***	-
Presença de criança no domicílio	-0,216***	-0,294***	-0,004	-
Número de crianças no domicílio	-0,169***	-0,308***	-0,016*	-
16 anos	-0,234***	-0,734***	0,194***	-
17 anos	-0,572***	-1,463***	0,346***	-
18 anos	-1,016***	-2,264***	0,579***	-
19 anos	-1,174***	-2,712***	0,83***	-
20 anos	-1,259***	-3,034***	0,949***	-
21 anos	-1,339***	-3,284***	1,039***	-
22 anos	-1,396***	-3,522***	1,127***	-
23 anos	-1,557***	-3,782***	1,166***	-
24 anos	-1,646***	-4,049***	1,277***	-
Renda <i>per capita</i>	0,923***	0,74***	0,644***	-
<i>Dummies</i> de ano	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> de UF	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> ano* UF	Sim	Sim	Sim	-
Constante	1,279***	1,774***	0,718**	-
Observações	653.874			
P > X <sup>2</sup>	0,000			
Pseudo R <sup>2</sup>	0,202			

Fonte: Pnad/IBGE (1992-2013).

Elaboração dos autores.

Notas: Significância dos coeficientes: \*\*\* 1%; \*\* 5%; \* 10%.